

Os sentidos do Museu da Loucura e a ressignificação da cidade de Barbacena em quinze anos de Reforma Psiquiátrica

Valéria Bergamini

Silmara Dela Silva

Doutoranda

RESUMO: Componente de uma pesquisa de doutorado em curso, este trabalho busca analisar o modo como se constituem os efeitos de sentidos da Reforma Psiquiátrica no município de Barbacena, Minas Gerais, conhecido como a cidade dos loucos e das rosas, por meio da análise de discursos jornalísticos sobre o Museu da Loucura. Neste contexto, o *corpus* abrangerá recortes do *Jornal Correio da Serra* por um período de 15 anos, a contar de 2001, período em que entra em vigor a Lei da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Das dezoito reportagens que fazem menção ao Museu da Loucura, no arquivo supracitado, elegeu-se sete sequências discursivas, cujo critério de seleção condiz com o objetivo em que buscou-se identificar os dizeres e os apagamentos acerca da Reforma Psiquiátrica e do Museu da Loucura, frente aos Hospitais Psiquiátricos ainda existentes na cidade. Para tanto, a pesquisa será norteada por meio dos dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD), de orientação francesa, fundada por Michel Pêcheux, a partir das contribuições deste, bem como da pesquisadora brasileira Eni Orlandi e seguidores. Assim, a partir do dispositivo teórico da Análise do Discurso, foi construído um dispositivo analítico que fundamentou a análise do *corpus* em questão, no qual pode-se resgatar o imaginário social em que se petrifica o passado horrendo e manipula o presente, ressignificando a cidade dos loucos e das rosas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, Museu da Loucura, Reforma Psiquiátrica

Em 16 de agosto de 1996, os jornais da cidade noticiavam a inauguração do *Museu da Loucura* em Barbacena, construído no torreão do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), simbólico prédio com dois andares e cinco salas, nas quais estão dispostos o acervo sobre o próprio histórico, sendo considerado primeiro Hospital Colônia de Minas Gerais, no qual morreram mais de 60 mil internos.

Do ponto de vista discursivo, elegemos os discursos sobre o *Museu da Loucura*, tendo como objetivo específico a análise dos sentidos e do imaginário sobre este, após à Reforma Psiquiátrica, ressignificando a cidade de Barbacena, no que tange à dicotomia loucos e rosas, que definem a cidade, corroborando as palavras da analista Ana Boff de Godoy:

A inauguração do *Museu da Loucura* não é somente um acontecimento histórico; não é somente um acontecimento discursivo; é também a instauração de um novo arquivo, o qual participa do próprio processo de identificação da cidade de Barbacena. Processo que passa pela ressignificação de sua alcunha *Cidade dos Loucos*, por meio da valorização de uma memória que insiste em se reinscrever. (GODOY, 2014, p. 35)

Esta memória é recontada no livro “*Holocausto Brasileiro*”, no qual a autora resgata as denúncias feitas ao Hospital e defende que o objetivo do Museu da Loucura é prestar “[...] tributo às dezenas de milhares de vítimas da lendária instituição” (ARBEX, 2013, p. 220). Corroborando com a mesma, diversos recortes do jornal local, denominado *Correio da Serra*, apontam que o Museu visa: “[...]mostrar o passado para que ele nunca mais volte a acontecer.” O passado ao qual se refere é dotado de atrocidades cometidas contra os internos do Hospital, tais como:

No *Museu da Loucura* existem relatos de caldeirões para ferver corpos que eram fornecidos às universidades. Podem ser vistas, também, cartas de reitores e diretores de faculdades de medicina solicitando corpos, reclamando do baixo fornecimento de corpos (AMARANTE, 2010, p. 24 apud GUILARDUCI, 2014, p. 138).

Atualmente as referidas cartas não estão mais expostas. O que encontramos são, camisas de força, utensílios utilizados no Colônia, cartazes referentes ao dia da luta antimanicomial, as reportagens de Hiram Firmino, a exibição do aparelho de

eletrochoque, retratos de alguns internos e uma foto da primeira cela retirada do *Colônia* no ano de 1994, ou seja, apenas dois anos antes de sua inauguração. Ao visitar o museu, temos a impressão que tudo remonta a um passado longínquo. Lembremo-nos que ele foi inaugurado em 1996. Naquela ocasião, há apenas um ano antes, em 1995, havia morrido o último paciente, após uma sessão de eletrochoque naquele recinto (FIRMINO, 1996, p. 32)

Desta maneira, o dito de Arbex “[...]para que nunca mais isto venha a acontecer” perde o sentido neste Assim como o dito da mesma autora: “[...] suas portas incomodamente abertas são a lembrança de que a tragédia do Colônia não vai ser, novamente, esquecida. Não desta vez” (ARBEX, 2013, p. 220). Portas estas que foram fechadas muitas vezes e assim foram mantidas por até dois anos após o lançamento do livro de *Holocausto Brasileiro*.

Tais negações ao Museu remontam de sua inauguração, na década de 1990, quando houve resistência à criação do mesmo, culminando na retirada de placas indicativas postas na BR-040 com a inscrição: “*Visite o Museu da Loucura*”. Para Nunes:

Observamos o modo como algumas placas produzem discursos para os sujeitos cidadãos, construindo gestos de interpretação da cidade e das práticas nela inseridas. Ao mesmo tempo temos em vista refletir sobre as formas de silenciamentos que tais gestos constituem para certos sujeitos e não para outros. (NUNES, 2006, p.17)

Ou seja, o gesto da retirada da placa, em razão de seus dizeres, auxilia na compreensão do que representava para o município de Barbacena: a negação da denominação “*Cidade dos Loucos*” atualizada continuamente pela indicação do Museu. Por outro lado, de acordo com as condições de produção, este gesto também poderia representar um ato de campanha política, como afronta à candidatos da oposição.

Neste contexto, a luta manicomial é marcada por uma série de resistências, desde as primeiras denúncias na década de 1960 e que permanecem mesmo com a promulgação da lei da *Reforma Psiquiátrica*. Para demonstrar esta afirmação, elegemos sete sequências discursivas do Jornal Correio da Serra, das dezoito reportagens que fazem menção ao *Museu da Loucura*, entre 2001 e 2016.

O critério de recorte das sequências discursivas condiz com o objetivo específico no qual analisamos o imaginário sobre a *Reforma Psiquiátrica* e os programas implementados na cidade, sendo o *Museu da Loucura* um destes, cujos dizeres ressaltam que Barbacena deixou os Hospícios no passado, resignando-a, desta forma, não como a *Cidade dos Loucos*, mas das rosas.

Tomando como marco as gestões administrativas do município de Barbacena, a primeira sequência discursiva para nossa análise, de acordo com os critérios especificados, remonta ao segundo ano de mandato de Martim Andrada na Prefeitura de Barbacena. Temos assim, na edição de número 391, de 4 de fevereiro de 2006, denominada “A verdade nua e crua”, o seguinte dizer:

SD 1: [...]o museu prova o quanto a psiquiatria **era** ultrapassada e cruel. Graças a conceitos absorvidos e praticados pelo psiquiatra Jairo Furtado Toledo, as portas dos hospícios foram abertas e um sistema desumano, um campo de concentração onde pessoas eram assassinadas a choque elétrico e seus cadáveres vendidos, foi **denunciado e encerrado**. Ganhavam rios de dinheiro com o método antigo, um comércio espúrio e nojento. Portanto, existe um fato que é muito incômodo, e o *Museu da Loucura* é louvável, exatamente porque conta está **linda** história (Jornal *Correio da Serra*, 04/02/2006, edição 391)

Além de atribuir às denúncias ao então vice-prefeito e, também, antigo diretor do *Colônia*, Jairo Toledo, apagam que o proprietário do jornal e dono da faculdade de medicina era beneficiado, ou seja, lucrava com a venda dos cadáveres e, finaliza referindo-se à história contada no museu como “**linda**” o que, aparentemente, não possui função de ironia, mas é marcado pela contradição. Do ponto de vista discursivo, temos o passado *versus* presente, aquilo que “**era**” e aquilo que “**é**”, trazendo um imaginário de que tudo foi “**denunciado**” e posteriormente “**encerrado**”.

Uma tentativa de arquivamento do passado em um museu. Uma tentativa de enterrar os erros e (re) significa-los no presente, como algo de que Barbacena teria se redimido, tal qual um discurso religioso, remete à citação bíblica “vá e não peques mais”. Não cometa atrocidades, mas se cometer, até as mais amenas, será perdoado. É contradição, marca da teoria analítica francesa, que contrapõe perdão e pecado, os loucos e as rosas:

[...] pensar o museu a partir do esquecimento indica uma impossibilidade representacional, devido ao sofrimento vivido por aqueles que hoje são mortos anônimos ou não, mas são, com certeza, sujeitos de um tempo e de um espaço de sofrimento humano, mas que era habitado justamente por um discurso que traz como representação aspectos do belo, do sublime, com aromas agradáveis de perfume das rosas e clima ameno. (GUILARDUCI, 2014, p. 139)

Não obstante, a insistência em colocar o passado em um museu, em evocar o discurso religioso e, principalmente em apagar o presente, esquecendo-se dos internos que se encontram em clínicas particulares, vítimas da indústria da loucura, como se estivessem salvos pelos movimentos da luta antimanicomial, tem o discurso político reforçado pelos redatores. Sabemos que o discurso jornalístico está intrinsecamente relacionado às diferentes posições do sujeito, ou seja, nas palavras de Mariani:

O ato de noticiar não é neutro nem desinteressado: nele se encontram os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes e dos leitores. Além destes fatores, as forças políticas em confronto no momento histórico em que se divulga um acontecimento vão constituir os sentidos produzidos pelas notícias (MARIANI, 1999, p. 102).

Nesse sentido, intencionalmente ou não, as reportagens sobre o museu são pontuais e fazem alusão direta ou indiretamente à política municipal, como podemos notar, na sequência discursiva recortada da edição de número 400, de 15 de abril 2006, em referência a uma publicação da Revista Carta Capital, denominada “Sete Páginas” que traz a repetição do manifesto de resistência, realizado dez anos antes, com um diferencial: a acusação sobre a retirada da placa do Museu no mesmo ano que foi inaugurado o *Festival da Loucura*, ação atribuída à oposição partidária do momento:

SD 2: Tentaram a todo custo omitir um **passado** negro e até mandaram retirar da BR 040 a placa alusiva ao *Museu da Loucura*. A história é maior que o rompante de certas pessoas desprovidas da humildade necessária para admitir um **passado** psiquiátrico tético, cruel e desumano. Negar a loucura que marcou um **passado** de Barbacena é que é uma insanidade. (Jornal *Correio da Serra*, 15/04/2006, edição 400)

Mais uma vez a loucura é colocada no “**passado**”, reforçando a memória de que Barbacena foi, e não é mais, a *Cidade dos Loucos*. Passado que preenche o imaginário pintado pela *Reforma Psiquiátrica*, abolindo todas as crueldades que aconteceram no

Hospital Colônia. Dizer sobre o “**passado**”, para não se falar sobre o “**presente**”. Ao mesmo tempo, tão contraditório, tenta-se apagar o “**passado**”, mas tal como o chapéu de Clémentis, sempre haverá resquícios. ¹

Coincidência, ou não, quatro meses depois, na edição de número 417, datada de 12 de agosto 2006, em matéria intitulada “*História viva: Museu da Loucura completa dez anos e promove o resgate da psiquiatria mineira*” há uma alusão salvífica a um poder que o museu não usufrui em decorrência da presunçosa afirmação de Toledo de que o *Museu da Loucura* tinha marcado o início da *Reforma Psiquiátrica*. Além disso, a matéria informa que o museu estava fechado e passando por obras de memória e conservação. A primeira dentre muitas iniciada logo no ano comemorativo de dez anos de existência do museu. Nessa mesma edição, Jairo Toledo, o então vice-prefeito da cidade, ex-diretor do Colônia e identificado como aquele que sempre lutou para a criação do museu, afirma que este

SD 3: [...] resgata a trajetória de **antigos manicômios** e mostra um pouco do passado de Barbacena, que hoje é um orgulho para a cidade”. E complementa “**Barbacena é uma cidade** que acolheu e **soube amar os loucos** e hoje quer reverenciar seu passado com orgulho”. (Jornal *Correio da Serra*, 12/08/2006, edição 417)

Partindo para uma análise discursiva, observamos que, ao flexionar “**manicômios**” no plural, o idealizador do *Museu da Loucura*, Jairo Toledo, então vice-prefeito da cidade e ex-diretor do hospital Colônia, desvia o foco deste estabelecimento para outros. Além disso, os efeitos de sentido aqui refletem uma contradição: ao dizer “**antigos manicômios**” temos, como contraponto, “**os novos manicômios**”. Ou seja, enquanto funcionamento discursivo repete como o hospital “**era**” e como o hospital “**é**”, uma alusão ao “**mesmo**” e ao “**diferente**”, uma substituição da cidade dos “**loucos**” pela cidade das “**rosas**”.

Entretanto, por duas vezes Jairo Toledo repete e associa “**passado**” e “**orgulho**”, silenciando, no discurso, os maus tratos aos internos do Hospital Colônia e demais hospícios. Afirma que Barbacena é, neste mesmo tempo verbal, uma cidade que amou os

¹Courtine (1999, p. 15) conta a história de Clementis que emprestou o chapéu para o comunista Gottwald, cuja imagem a imprensa reproduziu e distribuiu, quando Clementis foi acusado de traição e foi enforcado, o departamento de propaganda apagou Clementis das fotografias, mas não apagou o chapéu, que permanecia na cabeça de Gottwald..

internos, que ali enfrentaram condições desumanas de sobrevivência. Como então se orgulhar deste passado? Ou melhor, o que se sustenta neste dizer? Em resposta, podemos observar, por meio da *Análise do Discurso*, deslocamentos na rede de sentidos e o silenciamento de outros, de acordo com a posição ideológica vigente, corroborando Guilarduci:

Deve-se ressaltar que o *Museu da Loucura* é um espaço representacional elaborado por um discurso político, cultural, ideológico de determinados homens ou grupos de homens que tem uma visada de mundo específica e determinados interesses políticos, ideológicos, artísticos e mercadológicos. (GUILARDUCI, 2014, p.139)

Desta forma, a *Análise do Discurso* nos permite enxergar que, diante do contexto sócio histórico, os dizeres sobre o Museu no jornal trazem efeitos do imaginário a respeito da *Reforma Psiquiátrica*, como se outrora Barbacena fosse completamente diferente do que se apresenta em seu acervo museológico. Assim, a memória do dizer sobre o município se inscreve, ora como um lugar que sempre acolheu generosamente os sujeitos ditos loucos, ora como um lugar que enterra o passado atroz e se ressignifica como uma nova cidade, a "*Cidade das Rosas*".

A saga continua na edição 428, de 27 outubro 2006, denominada "Memorial das Rosas é lançado em BH" numa tentativa de, literalmente enterrar o passado e a *Cidade dos Loucos*. Em comemoração aos dez anos do *Museu da Loucura*, que estava de portas fechadas naquele momento (embora na edição de número 418, de 19 de agosto de 2006, tinha sido noticiada a reinauguração do museu), a prefeitura articulou a construção do Memorial das Rosas. O jornal explica:

SD 4: "[...]de acordo com o projeto paisagístico, diversos tipos de **rosas** vão ocupar o lugar coberto por lápides de pacientes psiquiátricos que morreram no antigo Hospital Colônia". Para Jairo Toledo "A ideia inicial é utilizar os 8.500 m² do Cemitério da Paz, desativado há muitos anos, para transformá-lo em um espaço de memória e convivência social". (Jornal *Correio da Serra*, 27/10/2006, edição 418)

Tão contraditório: "**rosas**" para os mortos, vítima dos hospícios. Esta ideia, ou melhor, este acordo municipal, não foi colocado em prática, embora prometido. Aliás, enquanto pensavam em enfeitar com "**rosas**" o passado enterrado em um cemitério no qual estão os cadáveres que não foram aproveitados pelas faculdades de medicina, e fazer

deste um espaço de convivência, uma contradição grotesca, internos contemporâneos, das clínicas particulares da cidade, são enterrados como indigentes, após uma estadia no cemitério dos vivos.²

Mesmo diante desta crueldade, os discursos jornalísticos continuam noticiando o funcionamento do museu somente como um lugar do passado, que não deve ser esquecido, para que não seja repetido. Assim, o outro lado da *Reforma Psiquiátrica* fica oculto, escondido em não ditos que se tornam visíveis agora pela *Análise do Discurso*. A edição número 434, de 09 dezembro 2006, denominada “UNIPAC lança roteiros turísticos educativos”, conta o relato de uma criança após visitar museus da cidade, entre eles o da loucura:

SD 5: “[...]fui para casa e contei tudo para minha mãe o que aprendi quando eram **os velhos tempos aqui** em Barbacena”. (Jornal *Correio da Serra*, 09/12/2006, edição 434)

Os efeitos de sentido aqui refletem uma questão temporal: a cidade de Barbacena ontem e a cidade de Barbacena hoje. Mais uma contradição que a *Análise do Discurso* nos permite enxergar que os dizeres do Museu trazem efeitos do imaginário sobre a *Reforma Psiquiátrica* como se outrora Barbacena fosse completamente diferente, ou melhor, aquilo que se pensa hoje. Neste sentido, “presentificar o passado pode trazer em si uma violência de interpretação”. (PEREIRA, 2015, p. 109).

A temporalidade discursiva permite, assim, observar deslocamentos na rede de sentidos e o silenciamento de outros, de acordo com a posição ideológica vigente. Para Mariani (1999, p. 109), “[...]a formação da opinião pública e a construção da memória social são processos históricos que se realizam através de funcionamentos discursivos de contradição, repetição e indeterminação”. Ainda para a mesma autora: “Cada leitura do cotidiano produzida pelos jornais

² No túmulo de M. uma lápide que não faz menção à seu nome, nem a família que a abandonara. Ela que chamava a todos nós de “mãe”. Uma lápide que desconhece seu sorriso, sua doçura, seu carinho, sua religiosidade, seu gosto pela música. Somente um número perdido entre tantos. Assim presenciei no dia de seu enterro, que aconteceu antes do horário determinado, sem velório, sem missa, sem adeus. Enterro que contou somente com alguns estagiários do Projeto Desloulcar, com uma enfermeira e uma interna da mesma “*casa de saúde*”, que ali se despedia da amiga de uma longa sobrevida de confinamento hospitalar, que ali contemplava o possível destino que a espera.

corresponde à exclusão de parte da rede de pequenos e grandes acontecimentos que compõe a história de uma formação social”. (1999, p. 111).

Desta forma, mais uma vez, o discurso sobre o museu repete-se apagando o presente. Assim as crianças de Barbacena e, também, a maioria de seus adultos, parecem desconhecer o que acontece na cidade atualmente, como se as atrocidades tivessem sido enterradas no inexistente memorial das rosas. Além disso, o discurso sobre o museu reforça a ideia de que, em se tratando da *Reforma Psiquiátrica*:

SD 6: “[...]os tratamentos **evoluíram**” (Jornal *Correio da Serra*, 18/08/2007, edição 468)

Este foi o relato de um americano à edição 468, de 18 agosto 2007, para a reportagem denominada “Comitiva americana visita Barbacena”. De certa forma pode-se dizer que apenas deixaram de maltratar os pacientes psiquiátricos da maneira que ocorria no Colônia, porém, mais uma vez, evidencia-se um imaginário sobre a *Reforma Psiquiátrica* que ultrapassa os limites da cidade, deixando visíveis as marcas de uma cidade modelo, cujas inadequações foram apontadas pelo Programa Nacional de Avaliação dos Serviços Hospitalares (PNASH) mas, aparentemente, esquecidas.

Após um silenciamento de dois anos, durante o mandato da prefeita de oposição Danuza Bias Fortes, na edição de número 527, o *Jornal Correio da Serra*, em 9 de maio de 2009, publica uma reportagem intitulada “FAME cria Instituto de Psiquiatria e Estudos de Saúde Mental” que traz o tópico Tragédia Psiquiátrica, na qual faz-se referência à última cela retirada do Colônia em 1993, da seguinte forma:

SD 7: [...] um **troféu** para mostrar os **novos tempos** no hospital. (Jornal *Correio da Serra*, 09/05/2009, edição 527)

Os **novos tempos** seriam marcados pelo **troféu** que vem reforçar a ideia de que a criação do museu representa uma vitória ao passado atroz no qual centenas de pessoas foram trancafiadas, vítimas de um sistema ignóbil e injusto, por entre grades físicas e atitudinais que persistem até hoje. Mas a última cela, vista como um **troféu**, vem evidenciar o encerramento do passado. Porém, de acordo com Pêcheux, são as:

[...] evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascarem, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, [1975] 1988 p. 160).

Evidência que silencia aquilo que a *Reforma Psiquiátrica* não conseguiu mudar. Silencia as demais celas, os demais hospícios, as demais condições inadequadas de funcionamento dos mesmos. Apaga que outrora os políticos a quiseram assim. Enquanto discurso, evidencia no imaginário a ideia de uma cidade que nunca mais repetirá o passado, de uma cidade que se redimiou perante as atrocidades que seus gestores articularam.

Atrocidades que foram recontadas no livro de Arbex em 2013, mencionado, sem destaque, uma única vez pelo jornal, no mesmo ano em que Toninho Andrada assume a prefeitura da cidade. Um silêncio se instaura sobre o viés da *Cidade dos Loucos* e as publicações foram retomadas somente por ocasião da solenidade de instalação de um novo tomógrafo no Hospital Geral de Barbacena, no qual o deputado Andrada esteve presente. Assim, na edição de número 756, de 4 de janeiro de 2014, denominada “Hospital Geral de Barbacena recebe melhorias” em referência ao antigo *Colônia* que funcionara ali, Andrada fala sobre um passado recente:

SD 8: “Esta é uma vitória, mas também um movimento justo. Por anos, **Barbacena e este hospital** receberam pacientes de toda a parte do país. O *Museu da Loucura* representa muito bem o esforço da cidade em receber **essas pessoas**”. (Jornal *Correio da Serra*, 17/09/2013, edição 756)

Dizeres que oscilam na denominação de pacientes como se não fossem pessoas. Dizeres, estes, do mesmo deputado que foi conivente com a venda de cadáveres, tendo sido beneficiado como proprietário da faculdade de medicina da cidade. Dizeres que contradizem a história das atrocidades apresentada no mesmo museu que menciona. Dizeres que apagam o passado tal como ocorreu. Dizeres que apagam o presente da cidade que ainda é reconhecida como modelo psiquiátrico e ainda recebe pacientes de todo país em clínicas particulares difíceis de se inspecionar. Por isso, Barbacena não se desvincula da memória que a atrela à imagem de um hospital, mesmo que se insista em substituí-lo por um museu.

Mas a memória é, também, espaço, de esquecimentos, de não-ditos, de silêncios e silenciamentos. Essas falhas na memória, que são também fenda no real, pressionam os sentidos que acabam por prender-se na sua própria armadilha. (GODOY, 2014, p. 36)

Com um passado obscuro, mais uma vez, coincidentemente, ou não, ao lançamento do livro de Arbex (2013), o museu fecha para reforma, tendo reaberto em 2014 e fechado logo em seguida. O *Jornal Correio da Serra* nada fala a respeito durante os dois anos que correram. Porém, dos silenciamentos também ecoam vozes que deslocam sentidos e propiciam o efeito metafórico. Os sentidos deslizam de acordo com a posição ocupada pelo sujeito e as relações de força estabelecidas. Hiram Firmino, jornalista que denunciou, na década de 1970 as atrocidades do Colônia, e nunca deixou de acompanhar o desenrolar dos fatos em Barbacena, questiona em sua *Revista Ecológico*:

Seria apenas insensibilidade, falta de consciência e cultura de quem justamente deveria lutar pela sua preservação e maior divulgação? Ou uma vontade política maior e proposital, também eclipsada por parte do Estado e da administração municipal, de querer realmente “apagar” da memória histórica tudo que aconteceu ali? Dois fatos novos e pontuais apontam para essa desconfiança. Um é o medo, cada vez maior, de que as famílias de ex-pacientes mortos ou ainda vivos entrem na Justiça contra o Estado, exigindo indenizações pelas mortes e pelos danos morais, físicos e psíquicos que ali foram produzidos por extrema violência, sem que ninguém se importasse. O outro medo é a repercussão crescente causada pelo best-seller da jornalista Daniela Arbex, Prêmio Esso de Jornalismo em 2012, intitulado *Holocausto Brasileiro*. (FIRMINO, 2016, p. 1)

Possivelmente com receio dos argumentos apontados por Firmino, em 20 de dezembro de 2014, na edição de número 806, o *Jornal Correio da Serra* traz estampado a promessa não cumprida de que o Museu reabriria as portas. Mas, somente no dia 18 de maio de 2016, o museu foi reaberto. Porém, o *Jornal Correio da Serra* não noticiou o acontecimento, que foi amplamente divulgado pela imprensa, inclusive em âmbito nacional. Somente no dia 4 de junho de 2016, na edição de número 880, o então prefeito Toninho Andrada, em uma entrevista de duas páginas, abordando diversos assuntos, faz uma breve menção ao museu.

O que se torna evidente aqui, tomando como base o objetivo do museu, é que, ao projetar seu discurso no passado, o *Museu da Loucura* silencia o presente. De acordo com Pereira (2014, p.120), “[...]o museu fala a partir do lugar denominado por Lacan como o discurso do mestre [...] para se firmar oculta sua incompletude.” Na ótica de Pêcheux (2015, p.12), este discurso da consciência do legislador que domina, repercute, em primeiro momento, no vazio, de modo a manipular “até aqueles que têm a ilusão de ser revoltar”. Em segundo momento, remete à “[...]repetição do mundo do mestre em um mundo subordinado, desvalorizado e folclórico [...] como peças de museu de práticas e de concepções de mundo [...] da vida popular”. De acordo como Pereira:

No aspecto urbano, os museus são uma rememoração, à moda racional, daquilo que não foi esquecido e que permanece no subsolo da cidade e que pode irromper a qualquer momento, portando uma verdade específica que motivara seu apagamento. (PEREIRA, 2015, p.105)

Este silenciamento do *Jornal Correio da Serra* pode significar-se a partir de uma tentativa de manipulação pública do passado, como se a gestão atual, que tanto condenava a anterior quanto às ações sobre a *Reforma Psiquiátrica*, não pudesse se responsabilizar pela morosidade da abertura e, principalmente pelos seus motivos e consequências, conforme prescrito na citação anterior.

Para Guillarduci, “[...]entender o esquecimento ou a fragilidade da memória” pode iluminar a dúvida em relação à manipulação pública do passado e, ao meu ver, também do presente. O mesmo autor (2014, p. 142) alerta: “[...]enquanto o passado ficar estático, imutável, como se ele não fosse parte constitutiva do presente, é impossível a transformação”. Transformação que um olhar discursivo nos traz para compreender a cidade se ressignifica por meio dos dizeres sobre o museu e que, mesmo tentando interromper o passado, continua sendo a *Cidade dos Loucos*, que se petrifica na memória.

Memória esta que vem desenterrar o passado e que vem proporcionar visibilidade ao presente e se aproximar do seu real, com suas proezas, mas também falhas e ocultações, em que se escondem os esquecidos pela sociedade. Pessoas estas que não apenas que venceram o *Holocausto Brasileiro*, mas aqueles que ainda sobrevivem em condições desumanas, de abandono, de enfrentamento ao tratamento indevido em muitas clínicas particulares, que evocam a indústria da loucura. Enquanto isso se repete toda uma historicidade, cujos dizeres ressignificam Barbacena como o lugar que tenta apagar o

presente, colocando as “**rosas**” no lugar dos “**loucos**”, ao denominar a cidade nos mais diferentes dizeres que apontam para esta condição.

Referências

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 256 p.

FIRMINO, Hiram (18/08/1996) Hospício era uma fábrica de Cadáveres. Jornal Estado de Minas. 1996. P. 32

FIRMINO, Hiram. (08/06/2016) A loucura de volta ao museu. Revista Ecológico. Junho de 2016. Disponível em <http://www.revistaecologico.com.br/materia.php?id=101&secao=1766&mat=2031> Acesso em junho de 2017

GODOY, Ana Boff de. Arquivos de Barbacena, a Cidade dos Loucos: o manicômio como lugar de aprisionamento e apagamento de sujeitos e suas memórias. In: Revista Investigações(Online), v.27, n.2,julho de 2014. (ISSN eletrônico2175-294X). Acesso em maio de 2017.

GUILARDUCI, Cláudio. “A loucura em Barbacena: memória claudicante da tempestade”. In: BAPTISTA, Mauro Rocha (org). Arte, loucura e educação: diálogos. Barbacena, MG: EdUEMG, 2014

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de Análise do Discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999

NUNES, J. H. (2006a). Escrita e subjetivação na cidade. In: B. Mariani (Org.). A escrita e os escritos. São Carlos: Claraluz, p.45-58

PÊCHEUX, Michel (1988) [1975]. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

PEREIRA, Helder Rodrigues. “A cidade, seu museu e seus arcontes: discussões sobre a pulsão de morte no Museu da Loucura em Barbacena (MG)”. In: BAPTISTA, Mauro Rocha (org). Arte, loucura e educação: diálogos. Barbacena, MG: EdUEMG, 2014